



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v. 15, n. 28, p. 116-129, 2023
DOI: 10.35520/mulemba.2023.v15n28a57448

Artigos Livres

Literatura-mundo: modos de olhar, modos de saber

World-literature: ways of looking, ways of knowing

Literatura-mundo: formas de mirar, formas de conocer

Rafael Sarto Muller 

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil
E-mail: rafaelmuller776@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo aprofundar o debate sobre questões epistemológicas centrais em torno da categoria literatura-mundo, em especial: o que é, para que serve e como se aplica. Metodologicamente, valemo-nos da poética de Virgílio de Lemos e das reflexões já iniciadas por Inocência Mata e outras autoras sobre o conceito. A literatura-mundo trata-se de um modo de circulação e leitura descentrada de textos, incorporando-se a cada sistema todos os textos que circulam fora do seu sistema de origem, quebrando com as amarras do dualismo nacional/estrangeiro, universal (cânone)/marginal. Serve, portanto, ao progresso dos estudos literários enquanto categoria analítica crítica, questionando relações hegemônicas e pós-coloniais no campo da cultura e, notadamente, da literatura. Por fim, o pluralismo epistemológico é apontado como norte, ao que Mata aposta na imputação de tradições literárias pensadas como improváveis como ponto de partida da análise.

Palavras-chave

literatura-mundo, Virgílio de Lemos, cânone, decolonialismo, epistemologia.

Editoras-chefe

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores convidados

Andrea Cristina Muraro
Gabriel Chagas
Luciana Brandão Leal
Marlon Augusto Barbosa

Autor correspondente

Rafael Sarto Muller
rafaelmuller776@gmail.com

Recebido: 15/03/2023

Aceito: 16/07/2023

Como citar:

MULLER, Rafael Sarto.
Literatura-mundo: modos de olhar, modos de saber.
Revista Mulemba, v. 15,
n. 28, p. 116-129, 2023. doi:
<https://doi.org/10.35520/mulemba.2023.v15n28a57448>

Abstract

The present work aims to deepen the debate on central epistemological questions around the world-literature category, in particular: what it is, what it is for and how it is applied. Methodologically, we use the poetics of Virgílio de Lemos and the reflections already initiated by Inocência Mata and other authors on the concept. World-literature is a mode of decentered circulation of reading of texts, incorporating into each system all texts that circulate outside their original system, breaking with the ties of national/foreign dualism, universal (canon)/marginal. It serves, therefore, the progress of literary studies as a critical analytical category, questioning hegemonic and post-colonial relations in the field of culture and, notably, literature. Finally, epistemological pluralism is pointed out as the north, to which Mata bets on the imputation of literary traditions thought as improbable as the starting point of the analysis.

Keywords

world-literature, Virgílio de Lemos, canon, decolonialism, epistemology.

Resumen

El presente trabajo pretende profundizar el debate sobre cuestiones epistemológicas centrales en torno a la categoría literatura-mundo, en particular: qué es, para qué sirve y cómo se aplica. Metodológicamente, utilizamos la poética de Virgílio de Lemos y las reflexiones ya iniciadas por Inocência Mata y otros autores sobre el concepto. La literatura-mundo es un modo de circulación y lectura descentrada de textos, incorporando a cada sistema todos los textos que circulan fuera de su sistema original, rompiendo con los lazos del dualismo nacional/extranjero, universal (canon)/marginal. Sirve, por tanto, al progreso de los estudios literarios como categoría analítica crítica, cuestionando las relaciones hegemónicas y poscoloniales en el campo de la cultura y, en particular, de la literatura. Finalmente, se señala como norte el pluralismo epistemológico, al que Mata apuesta por la imputación de tradiciones literarias pensadas como improbables como punto de partida del análisis.

Palabras-clave

literatura-mundo, Virgílio de Lemos, canon, decolonialismo, epistemología.

Introdução

Virgílio de Lemos, em *Cantemos com os poetas do Haiti* (1960), coloca-se lado a lado com uma poética vertical e combativa, em seu sentido amplo: dos poetas do Haiti ao estilo adotado por Noémia de Sousa. A opção pelo conectivo “com” não é por acaso.

[...]

Tu, Baby, e os poetas nossos irmãos
Que escrevem cânticos do Haiti,
Sabem da **vida incerta e vazia**
Dos negros das ilhas e **Américas**
Dos que sofrem em **África e Oceania**.
Lembras-te daquele **poema universal**
Que falava de desumanidade?
Dos poemas verticais da **Noémia de Sousa**
Sempre em papel amarelo?

[...]

Cantemos **com** os poetas do Haiti
Uma canção amarga que se não perca
Cantemos **com unísono**, porque lá ou aqui
Os segredos são iguais, fundos de angústia,
E os poemas verticais, também de desespero. (Lemos, 2009, p. 266 *apud* Leal, 2018, p. 18, grifos nossos).

Mais que uma multiplicidade no sentido de “colocar-se em lugares outros” – nos termos de Leal (2018, p. 18) –, Virgílio de Lemos parece desenvolver a ideia de circulação ampliada para outros espaços para encontrar outras vozes: circulação possível de seu texto. É um cântico entoado para todo combatente em qualquer lugar do mundo que se precise valer da união como estratégia de batalha, quando tudo o que resta é “vida incerta e vazia”. Não se coloca apenas a si mesmo em outros lugares, mas permite que o leitor, quer esteja onde esteja, o faça também.

Em última instância, mais do que vertical e combativa, a poesia é descentrada e desierarquizada, um tipo de combate em prol de uma causa bastante mais específica. Uma vez posta em causa a hierarquia e seus problemas, transfere-se para ela o polo inimigo a ser combatida, um paradoxo que amplia horizontes: ora, combater a hierarquia é combater a competitividade que escalona os sujeitos, que os diferencia em amigos e inimigos, de modo que o fim almejado (acabar com esse tipo de diferença hierarquizante) é dissonante do meio (vale-se da diferença para agregar a luta contra esse tipo de diferença).

Parece-nos, portanto, que a poesia de Virgílio de Lemos, juntamente com as proposições teóricas de Inocência Mata e outras autoras, tem rendimento o bastante para guiar-nos na conceituação e aplicação de literatura-mundo.

O conceito

A literatura-mundo trata-se de um modo de circulação e leitura descentrada de textos, incorporando-se a cada sistema todos os textos que circulam fora do seu sistema de origem, quebrando com as amarras do dualismo nacional/estrangeiro, universal (cânone)/marginal (Mata, 2020). Essa concepção

não significa ausência de um filtro hierarquizante, pois o espaço das “literaturas centrais” continua a ditar o ponto de partida da perspectiva – isto é, continua a ser o diálogo com as “grandes figuras”, consideradas “universais”, a iluminar as “figuras menores”, na medida em que continua a ser determinante a prescrição canônica e o “eco” internacional de uma obra ou um autor (Mata, 2020, p. 114-115).

Apesar disso, “permite uma interrogação sobre a hegemonia de determinadas expressões culturais e artísticas” (Mata, 2020, p. 116). Uma vez que coloca em questão a validade de tais conhecimentos (expressões culturais e artísticas), configura-se enquanto uma epistemologia, cujo posicionamento é claro em prol do pluralismo.

Sua origem decorre de uma expansão dos horizontes do campo de análise da Literatura Comparada, estando circunscrita a esta, havendo alguns autores que não teciam diferenciações, inicialmente na sua história, com a ideia de uma Literatura Mundial (Figueiredo, 2013).

Isso deu também um caráter disciplinar à Literatura Mundo, enquanto campo de investigação da Literatura Comparada, tendo sido profícuo o debate enquanto se era ou não uma disciplina autônoma e o que isso implicaria para o seu desenvolvimento. Infante de Câmara (2019) é da opinião de que se trata, necessariamente, de uma disciplina proveniente dos estudos comparatistas, uma vez que o desenvolvimento de uma cosmovisão e metodologias próprias dependerá, intrinsecamente, de um trabalho comparado que permita a perspectivação dos textos analisados. Se a circulação transnacional, a hibridização e atenção aos desafios da pós-colonialidade são elementos fundantes da literatura-mundo, naturalmente há que se falar de mais de uma literatura em diálogo, sugerindo sua vinculação à área da Literatura Comparada (Fonseca, 2013).

Com o cosmopolitismo, a hibridização das formas de produção e a ampliação da liberdade dos escritores, o cenário vai cambiando-se.

O leitor encontra-se no terreno do indecível, há uma hesitação justamente porque os romances não são “realistas” (no sentido dos romances europeus do século XIX). A liberdade destes escritores decorre do fato de eles não terem a pretensão de desvelar “a verdade”; é antes uma maneira de conservar uma liberdade que se abre a todas as liberdades. (Figueiredo, 2013, p. 35).

Nessa linha de liberdade, hibridismo e mestiçagem surge na França um manifesto por uma literatura mundo, cujo conteúdo destaca em especial a necessidade de se superar a condição instrumental que por muitas vezes os estudos literários adotaram (Figueiredo, 2013), circunscrevendo a produção literária africana “a uma dimensão estritamente interna e marcadamente político-ideológica” (Mata, 2013, p. 105).

No caso específico da literatura-mundo em português há particularidades que merecem destaque:

os estudos fundadores de Boaventura de Sousa Santos tiveram o mérito de chamar a atenção para o “carácter intermédio da colonização portuguesa”, resultante do facto de Portugal constituir uma sociedade semiperiférica, tendo esta condição marcado a experiência imperial ao longo de cinco séculos. Assim, defende Sousa Santos, se por um lado Portugal era o centro em relação às suas colónias, por outro lado era a periferia da Europa e das potências coloniais hegemónicas, nomeadamente a Inglaterra (Fonseca, 2013, p. 5).

A literatura-mundo, epistemologia pluralista, não nega a relevância de, a determinado tempo, os estudos literários terem enfocado tais dimensões da literatura africana, uma vez que “a literatura foi uma das formas de expressão que os intelectuais encontraram para enfrentar o poder político em tempo de silenciamento musculado de vozes dissonantes” (Mata, 2013, p.105). Ela busca ultrapassar essa fronteira, encenando novos modos de ler as literaturas das margens como algo mais.

Esse “algo mais” buscado envolve a superação de duas tendências principais: de estudar tais literaturas enquanto produções em língua portuguesa e enquanto literaturas politicamente engajadas e nacionalistas. Centrando-se nos cânones portugueses e adotando-se metodologia comparativista estrita a partir desse centro, essas são as duas possibilidades mais imediatas que se colocam uma vez que configuram os pontos mais imediatos de similitude (a língua portuguesa) e diferença (a partir da dualidade opositiva império-colônia), respectivamente.

Embora tais abordagens «contextuais» não sugerissem a diminuição do valor estético das obras estudadas, elas talvez inibissem tanto a exploração de potencialidades temáticas, discursivas, formais,

quanto o tratamento de motivações experienciais e vivenciais das literaturas (Mata, 2013, p. 105).

Enquanto epistemologia, tal categoria reflete sobre o valor dessas e de outras abordagens: não invalida as primeiras, mas resgata e destaca o valor das alternativas. Uma epistemologia por si só não delimita ou especifica a abordagem, mas estabelece as balizas necessárias para sua credibilidade, em um estudo pormenorizado dos conhecimentos gerados a partir delas. No caso da literatura-mundo, parece haver a instituição de uma

geocrítica do eurocentrismo [que] pressupõe a instituição de um desvio em direção a uma gramática alternativa com categorias e perspectivas que neutralizem – ou, pelo menos, façam desvanecer – o peso das mediações metropolitanas da crítica das produções culturais dos “países periféricos”, de espaços perifêricos, relegados a um lugar subalterno na produção contemporânea de conhecimento (Mata, 2014, p. 32).

É dizer também que tal circulação “não visa à unificação, mas a como uma obra de arte se manifesta diferentemente em uma cultura outra em relação àquela na qual se originou” (Buescu, 2017, p. 90).

A função

A literatura-mundo serve ao progresso dos estudos literários enquanto categoria analítica crítica, questionando relações hegemônicas no campo da cultura e, notadamente, da literatura (Mata, 2020). Isso parece ser natural de sua configuração enquanto epistemologia crítica, pluralista, que, como todas as epistemologias que adotam essa postura radical, acabam por criticar dogmatismos e hierarquias.

Uma das questões que se colocam a partir da perspectiva da literatura-mundo e que modifica as formas de abordagem nos estudos literários é a pergunta: “Ora, por que se exige autenticidade de um escritor africano, asiático ou latino-americano, e não se exige autenticidade de um escritor francês ou inglês?” (Figueiredo, 2013, p.39).

A partir dessa perspectivação, cada escritor conquista o direito de partir de suas próprias afinidades, independentemente das origens nacionais de seus correligionários estéticos. A literatura ganha um aspecto transnacional, eliminando fronteiras nacionalistas, territoriais e/ou linguísticas (Figueiredo, 2013).

Não à toa, Mata (2020) aponta que a literatura-mundo opera uma relativização do conceito de “universal”, desvelando o caráter hegemônico, tradicional e conservador da cultura literária. Nas palavras de Buescu (2017, p. 91), ela “nos faz tentar

ler de outra maneira, e, portanto, inventar modos de abordar e ler textos que tentam responder ao estranhamento, à desfamiliarização, e ao que não pertence à mesma família, só para começar”.

Identificamos, a partir dessa operação de relativização uma relação íntima da literatura-mundo com as epistemologias céticas. O ceticismo surge na antiguidade como uma proposta, antes de tudo, de liberdade: de um lado, da libertação emocional da ansiedade de buscar incessantemente a verdade; de outro, da oposição a teses e posturas filosóficas de outros pensadores dogmáticos e acadêmicos (Zamitiz, 2015).

Dentre as suas correntes, o ceticismo pirrônico, em especial com as contribuições de Sexto Empírico, avançou em demonstrar a relatividade e o indecidível, atributos essenciais ao ceticismo. Com isso, tem-se que: a) toda percepção dos objetos sensíveis e conceitos são dependentes do contexto e do sujeito observador; b) toda teoria é indecidível em si mesma, posto que sua oposta é igualmente válida segundo argumentos contrários, de modo que não há nada externo que designar ao filósofo qual teoria adotar e valorizar enquanto verdadeira e qual menosprezar e desqualificar como falsa (Pereira, 2005).

Esses dois elementos correspondem às facetas positiva e negativa do ceticismo, respectivamente. A faceta negativa compreende-se pelo dogmatismo às avessas postulado: para toda teoria se pode opor argumentativamente o seu contrário, de modo que não existe conhecimento verdadeiro e não existe o Absoluto, sendo incoerente buscar tais entidades metafísicas. A faceta positiva é a atitude filosófica centrada na experiência, de modo que a orientação para a vida comum são as próprias experiências, e não recomendações dogmáticas ditas superiores por alguns filósofos (Pereira, 2005).

Como se depreende, a literatura-mundo é uma categoria epistemológica profundamente cética, uma vez que coloca em questão o dogmatismo da orientação centro-margem das análises literárias tradicionais e orienta-se a partir da vida experiencial, dos sujeitos, da cultura e da sociedade. Sendo as sociedades vastamente plurais, partir-se delas para a construção do conhecimento exige que toda epistemologia cética seja também pluralista.

A partir daquilo que é – uma epistemologia pluralista –, a literatura-mundo incorpora no rol da série mundial e história global das literaturas aquelas “histórias minoritárias”, demarcando a sua importância (Mata, 2013). O todo literário, portanto, deixa de ser compreendido apenas a partir da generalização de um recorte canônico – desprezando-se todas as outras produções. A parte (cânone) deixa de substituir metonimicamente o todo, que passa a ser considerado pelo que é: a soma de todas as partes e de suas relações. O paradigma complexo – cujo expoente é Edgar Morin – é, portanto, um primeiro que pode ser compreendido como contemplado nessa nova mundividência dos estudos literários. É nesses termos que Mata (2020, p. 111) postula que a literatura-mundo

permite considerarem-se outros paradigmas, perspectivas, gostos estéticos e, sobretudo, pontos de observação, para dar conta da diversidade das tradições literárias, sem que uma hierarquização se torne bisettriz dos estudos literários.

Sendo a literatura-mundo uma epistemologia e um modo de circular e ler textos independentemente de seu sistema de origem e, com isso, prestar-se a desvelar as relações hierárquicas existentes entre cânone/centro e literatura das margens, resta saber como usá-la, como aplicá-la metodologicamente.

O método

Inocência Mata (2020) aposta na imputação de tradições literárias pensadas como improváveis como ponto de partida da análise. Um exemplo que nos serve de partida é o comentário que faz sobre a perspectivação:

perspectivar literatura-mundo a partir de Cabo Verde seja olhar não apenas para as literaturas africanas em português ou literaturas em português, mas, inevitavelmente, também, para as literaturas insulares ou literaturas da Macaronésia (Mata, 2020, p. 117).

Isso posto, em linguagem mais positivista, aplicar a literatura-mundo significa identificar variáveis outras que não as tidas a priori como majoritárias para guiar os estudos sobre determinado texto literário. Ora, é a partir da ideia hegemônica de identificação de Cabo Verde enquanto país africano de língua portuguesa que a perspectiva majoritária adotada é a de perspectivá-lo enquanto africano (e, portanto, ex-colônia e vivendo um espaço pós-colonial) e falante de língua portuguesa. Identificar, doravante, Cabo Verde enquanto país insular da Macaronésia permitiria um novo olhar para sua literatura. O mesmo poderia ser feito a partir de uma multiplicidade de outras óticas: país dependente do ingresso de capital estrangeiro para manutenção da sua economia; país de economia majoritariamente pesqueira e turística; país em posicionamento geográfico estratégico para atuação das marinhas em espaço atlântico; etc.

Todas essas perspectivações tensionam a escrita sobre a produção literária de determinado país e, necessariamente comparativistas, tensionam a própria noção de nacionalidade, em uma clara tendência internacionalista. Em comum com a literatura-mundo, a noção de performance na escrita possui o tensionamento das fronteiras da produção escrita como eixo central.

Ela encontra sua expressão máxima na experimentação, que lhe atribui a característica de “arte de fronteira”, que “rompe convenções,

formas e estéticas, num movimento que é ao mesmo tempo de quebra e de aglutinação” (Silva; Moreira, 2019, p. 7).

Pensar a literatura-mundo como uma epistemologia delineadora de novos enfoques de pesquisa literária, nesses termos, impõe também pensar quem é o sujeito performático que faz tais delineamentos. Esse sujeito é aquele da experimentação, que promove deslocamentos no processo de escrita e de leitura (Silva; Moreira, 2019).

A noção de performance envolve uma série de comportamentos desses sujeitos performáticos: atuação, interpretação, representação, apresentação, improvisação, composição, produção e mediação. Tal noção acaba por impor pensar a escrita como “ato enunciativo, simultaneamente social e subjetivo, nos termos de Mikhail Bakhtin (1981) e Émile Benveniste (1995)” (Silva; Moreira, 2019, p. 7).

Esse sujeito da escrita performática, capaz da aplicação inovadora das perspectivas de literatura-mundo, está amalgamado a seu ambiente de modo inerente, fazendo com que a separação entre ele e ambiente seja meramente uma arbitrariedade didática. É o sujeito Skinneriano:

não é algo que existe por si mesmo. Sujeito ‘deve ser visto como interação’. Na relação entre homem e mundo, há uma transformação recíproca, onde não existe autonomia nem de um nem de outro. Nesta relação de troca contínua acontece o comportamento, que produz conseqüências sobre o ambiente as quais modificam o comportamento. Assim, o homem e o seu ambiente são intrinsecamente entrelaçados. É através dessa reciprocidade que cada pessoa, ao agir, desenvolve uma maneira de ser que lhe é única.

[...]

Se comportamento é uma relação interdependente num campo multifuncional (Kantor, 1958), a distinção entre a pessoa e seu ambiente é arbitrária, já que o que acontece fora e dentro do organismo é sempre interligado por uma rede densa de relações funcionais. Os eventos encobertos (Skinner, 1942) também chamados de comportamentos sutis (Kantor, 1956) são igualmente inseridos num tecido de contingências. São eventos que participam - com os mesmos direitos quanto estímulos e respostas públicas - nesta rede de relações que permeia e conecta. Numa tal complexidade de interações surge a imagem do ser humano inteiro, floração de interações contínuas dentro de uma multiplicidade de contextos (Kantor, 1956; Staats, 1995; Hayes, Strosahl and Wilson, 1999) (Vieira; Vandenberghe, 2001).

Posto nesses termos – da inexistência do sujeito por si mesmo, mas exclusivamente em interação –, também é sujeito performático o sujeito-leitor, a partir das leituras que faz do texto escrito. Isso porque o texto, no ambiente de interação autor-obra-leitor, serve de ambiente modificador do comportamento do leitor, que precisa performar a escritura de sua leitura (ler é, ao mesmo tempo, um ato de escrita de um discurso sobre o objeto lido).

Isso faz com que recaia sobre o leitor, também, a responsabilidade pela qual clama a literatura-mundo. Tal conclusão seria óbvia: ora, uma vez que uma leitura é determinada, antes, pela perspectivação dada pelo leitor e a opção arbitrária por determinada epistemologia de leitura, a escolha deliberada pela literatura-mundo como epistemologia fornece o tensionamento necessário para configurar tal leitor como performático.

O exercício leitor de uma literatura enquanto literatura-mundo traduz-se em um exercício de perspectivação e, em última instância, performático, de tensionamento das perspectivas até então adotadas.

Virgílio de Lemos: um exercício

Como exercício de perspectivação, olhemos para a poética de Virgílio de Lemos. Moçambicano, não usaremos o recorte político-geográfico para perspectivar sua produção. Como proposta de literatura-mundo, optamos por partir da perspectiva discursiva do próprio autor, a partir da proposta de nova estética literária empreendida por ele. Em seus dizeres, o autor afirma guiar-se “pelo forte desejo de que ‘possa vir a ser de igualdade, fraternidade e liberdade’” (Lemos, 2009, p. 606 *apud* Leal, 2018, p. 9).

O aprofundamento das noções de igualdade, fraternidade e liberdade pode ser reconhecida da literatura teórica em autoras como Moraes e Nadal (2017), que identificam que tais ideais foram deturpados pela ascensão da burguesia ao poder. Tais noções são centrais ao lado de outras - autonomia, horizontalidade, antiautoritarismo, antimilitarismo e antifascismo – no ideário anarquista. Em outros contextos, tais lutas se voltam também contra a situação pós-colonial dos povos africanos.

Tais potenciais mobilizadores do anarquismo enquanto movimento são encontrados também em relatos de Virgílio de Lemos a respeito do caráter que gostaria de dar à sua poesia. É como Leal (2018, p. 92) assim o resgata:

a palavra “Arte” vem escrita com letra inicial maiúscula para enfatizar o desejo do poeta com relação a uma literatura autônoma, independente e com maior potência mobilizadora. Esses anseios se estendiam à sua criação literária; uma tentativa de “abrir a poesia à criatividade, às vivências do outro, dos outros, mundialmente”

(LEMOS, 1999, p. 149). Com esse movimento de incorporação do outro, a poesia se libertaria dos nacionalismos e regionalismos estreitos, além de figurar como estratégia de resistência ao fascismo e a outras formas de autoritarismo. Estas palavras confirmam quais foram as suas principais motivações: “Eu sonhava ir mais longe com a poesia. Pretendia buscar experimentalismos poéticos, em suma, uma outra linguagem que fizesse a poesia imergir no fundo de si mesma, para daí sair renovada” (LEMOS, 1999, p. 149).

“Como se vê, o autor se destaca na luta pela criação da poesia moçambicana, libertando-a dos parâmetros literários coloniais europeus” (Leal, 2018, p. 92). É o que se observa em *Uma temática negra*, longo poema em que Virgílio de Lemos destaca as vivências dos outros – historiadores, artistas e poetas – que contaram a história moçambicana, em especial no que tange à luta contra o fascismo, materializado na censura e nos bloqueios que sofrera tal região.

IV
[...]
Poemas de **Noémia** e do **Zé**
contos do **Honwana** e da **Ceita**
Eugénios e **Polanahs**
música do **Xafurdino** e **Daíco**
ricardos, ruis e **fonsecas**
o ciclo da cólera
contra o assimilado
contra a corrida
pra **acumulação**
a **transferência do lucro**
a delapidação d'almas
e da estética
porque a ética não existia
na **exploração**
(1945 / 1960)
tínhamos “notícias do **bloqueio**”
e **bloqueio** de notícias
censura de brandos e msahos
aqui
e lá antologias
e **Margaridos** da Casa
do Império
(1960 / ?)
puta que pariu

a guerra
e o que é teu
sem ser meu
sendo raiva. (Lemos, 2009, p. 403-406 *apud* Leal, 2018, p. 38-39,
grifos nossos).

Não existe, na (re-)escritura de história, contada a partir dos povos oprimidos, uma hierarquia estabelecida entre historiadores, contistas, poetas, músicos, etc. Do ponto de vista estético, elementos numéricos invadem a poesia, trazendo consigo também a temática do lucro e da acumulação, além da apropriação de riquezas.

A perspectivação econômica dos textos literários parece corroborar também para a investida da filosofia político-econômica do antiautoritarismo que, indo contra toda forma de opressão e exploração, volta-se com frequência às questões econômicas e apropriação de lucros e mais-valia.

Conclusão

Perspectivação e performance são duas categorias profícuas para se pensar a aplicação da literatura-mundo enquanto epistemologia, modo de circulação e crítica pós-colonial aos estudos em literatura comparada. Isso posto, consideramos atingido o objetivo traduzido no título desse artigo: “Literatura-mundo: modos de olhar, modos de saber”.

Como observado, entretanto, não se trata de um exercício manualesco estrito, uma vez que as próprias noções de perspectivação e performance pressupõem a superação de barreiras tais em prol de uma nova ecologia de tradições e mundividências do fazer literário.

Boaventura Sousa Santos quando propõe a necessidade de se convocarem “epistemologias do Sul” (normalmente marginalizadas na produção científica), para dar conta da “diversidade epistemológica do mundo” (SANTOS, 2006, p. 16): podemos entender essa ecologia como sendo de diferentes tradições, visões e corpora literários – para a qual é necessário considerarem-se outras racionalidades alternativas a partir de experiências sociais, políticas e culturais e, também, estéticas, de sistemas e tradições marginalizados pela ideologia do “cânone literário” (Mata, 2020, p. 118).

É preciso, portanto, para que essas novas experiências sociais, políticas e culturais ganhem espaço, invocar o sujeito da escrita performática a colocar-se, a produzir(-se), uma vez que este é o sujeito responsável pelo tensionamento das relações de poder.

Remetendo aos dizeres de Figueiredo (2013, p.45):

A clausura do/no nacional tem impedido a compreensão de que movimentos e tendências surgidos em um país ou área linguística têm correlação com outros muito mais amplos que atingem outras regiões, constituindo-se em macro-regiões. [...] A internacionalização do regional se dá porque novas redes transnacionais se formam permitindo a circulação de ideias e a criação de novos padrões de comportamento, novos gostos, muitos deles bastante hibridizados.

Essa hibridização, flagrante na literatura-mundo e no mundo contemporâneo, enseja um exercício experimental de produção e análise literárias, corresponsabilizando autores e leitores e ampliando o número de vozes participantes do fazer literário coletivo.

Referências

BUESCU, Helena. Literatura-mundo comparada e os mundos em português. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 19, n. 32, p. 89-92, 22 dez. 2017. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/441>. Acesso em: 22 jun. 2021.

FIGUEIREDO, Euridice. Literatura comparada: o regional, o nacional e o transnacional. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 15, n. 23, p. 31-48, 4 fev. 2013. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/311>. Acesso em: 18 maio 2021.

FONSECA, Ana Margarida. Em português nos entendemos? Lusofonia, literatura-mundo e as derivas da escrita. Configurações. **Revista Ciências Sociais**, n. 12, p. 105-116, 1 dez. 2013. Disponível em: <http://journals.openedition.org/configuracoes/2041>. Acesso em: 22 jun. 2021.

INFANTE DA CÂMARA, Patrícia. Literatura comparada e literatura-mundo: enquadramento disciplinar. **1616: Anuario de Literatura Comparada**, v. 9, p. 273-283, 21 dez. 2019. Disponível em: http://revistas.usal.es/index.php/1616_Anuario_Literatura_Comp/article/view/161620199273283. Acesso em: 18 maio 2021.

LEAL, Luciana Brandão. **Virgílio de Lemos: poesia em trânsito**. 2018. 243 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_LealLBr_1.pdf. Acesso em: 8 jun. 2021.

MATA, Inocência. A Mais-Valia epistemológica da categoria Literatura-Mundo comparada nos estudos literários e pós-coloniais. **Estudos de Sociologia**, v. 1, n. 26, p. 111-135, 21 ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/248002>. Acesso em: 8 jun. 2021.

MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: Desconstruindo genealogias eurocênicas. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 14, p. 27-42, jan./abr. 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/civitas/a/jxc4QhSqpW7xtDBWRPwczkj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2021.

MATA, Inocencia. Literatura-Mundo em Português: Encruzilhadas em África. **1616: Anuario de Literatura Comparada**, v. 3, p. 107-122, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/8950325/Literatura_Mundo_em_Portugu%C3%AAs_Encruzilhadas_em_%C3%81frica. Acesso em: 8 jun. 2021.

MORAES, Luana Aparecida; NADAL, Beatriz Gomes. Educação anarquista: contribuições para a escola e uma educação autêntica. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 17, n. 4, p. 1078-1095, 21 dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8651241>. Acesso em: 20 mar. 2020.

PEREIRA, Oswaldo Porchat. A autocrítica da razão no mundo antigo. *In*: SILVA FILHO, Waldomiro José da (org.). **O ceticismo e a possibilidade da filosofia**. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 9-19.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães; MOREIRA, Terezinha Taborda. Escrita e performance. **Scripta**, v. 23, n. 47, p. 7-10, 24 maio 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/20246>. Acesso em: 8 jun. 2021.

VIEGA, Marla; VANDENBERGHE, Luc. Behaviorismo: reflexões acerca da sua epistemologia. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 3, n. 2, p. 9-18, dez. 2001. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-55452001000200002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 26 abr. 2021.

ZAMITIZ, Héctor. Aspectos histórico-conceptuales del escepticismo: una aproximación al estudio del escepticismo en la política. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, v. 39, n. 157, 24 jun. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/rmcps/article/view/49875>. Acesso em: 2 fev. 2021.

Rafael Sarto Muller. Doutorando em Letras-Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas. Graduando em Educação Física. Bacharel em Ciências Econômicas. Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local. Licenciado em Letras-Português. Tecnólogo em Análise de Sistemas.